



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Ciências Médicas
Departamento de Saúde Coletiva



Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva

LETICIA CRUZ COELHO

**AS ATIVIDADES TERAPÊUTICAS EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA:
RELATO DE UMA TERAPEUTA OCUPACIONAL RESIDENTE EM SAÚDE
MENTAL**

CAMPINAS
2022

LETICIA CRUZ COELHO

AS ATIVIDADES TERAPÊUTICAS EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA:
RELATO DE UMA TERAPEUTA OCUPACIONAL RESIDENTE EM SAÚDE
MENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Especialista em Saúde Mental da Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Ellen Cristina Ricci.

CAMPINAS
2022

RESUMO

Os Centros de Convivência foram criados em consonância com a reforma sanitária e psiquiátrica brasileira, através da interface entre saúde, arte e cultura. Este equipamento tem por objetivo produzir novos modos de existência e inclusão social, se configurando como um serviço da RAPS (rede de atenção psicossocial) consolidando assim uma rede de cuidado na atenção primária em saúde. Este trabalho aborda a experiência de uma terapeuta ocupacional residente em saúde mental e coletiva da UNICAMP, a partir do desejo de aprofundar o núcleo profissional da terapia ocupacional neste equipamento. Objetivo: Descrever sobre a análise de atividade e as especificidades da Terapia Ocupacional em um centro de convivência, a partir das atividades grupais realizadas. Método: Estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência, sendo realizado um breve levantamento bibliográfico. Resultados: Através de referenciais teóricos que abordassem a análise da atividade, instrumento específico da terapia ocupacional, realizada através do fazer e da relação triádica, possibilitou um aprofundamento e entendimento das relações que se deram a partir das atividades grupais experienciadas no Ceco. Conclusão: Os Cecos se constituem como um equipamento de cuidado em saúde mental. Através dos encontros realizados o convivente vivencia novos modos de existência e experiências. Este equipamento adquire significados diferentes para cada sujeito, a terapia ocupacional se insere neste cuidado através da relação que se estabelece entre a pessoa, atividade e o grupo.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Terapêutica; Saúde mental; centro de convivência; residência não médica.

ABSTRACT

The community center were created in line with the Brazilian health and psychiatric reform, through the interface between health, art and culture. This equipment aims to produce new modes of existence social inclusion, configuring itself as RAPs (psychosocial support network) service, thus consolidating a network of primary health care. This work addresses the experience of a resident occupational therapist at Unicamp, based on the desire to deepen the professional core of occupational therapy in this equipment. Objective: To describe the analysis of activity and the specificities of occupational therapy in a community center, based on the group activities carried out. Method: descriptive, qualitative study, of the experience report type, with a brief bibliographical survey being carried out. Results: through theoretical references that addressed the analysis of the activity, a specific instrument of occupational therapy, carried out through doing and the triadic relationship, it enabled a deepening and understanding of the relationships that took place from the group and experiential activities. Conclusion: CECOs constitute a mental health care equipment. Through the meetings held, the cohabitant experiences new modes of existence and experience. This equipment acquires different meanings for each subject, occupational therapy is inserted in this care through the relationship established between the person, activity and group.

Keywords: Occupational Therapy; Therapy; Mental health; coexistence center; non-medical residency.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVO GERAL.....	8
3. METODOLOGIA.....	8
4.DISSCUSSÃO- ENCONTROS, ARTE E CULTURA: OS GRUPOS NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL.....	10
4.1 Um quebra-cabeça de mosaico	12
4.2 Linhas, afetos e o bordado	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6. REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

A experiência relatada neste estudo ocorreu em um Centro de Convivência de Campinas - SP chamado Ceco Espaço das Vilas, que ocorreu no período de formação de uma terapeuta ocupacional na Residência Multiprofissional de Saúde Mental e Coletiva da UNICAMP em 2022. As vivências no Ceco transbordaram afeto no processo de inclusão, proporcionando encontros entre os diferentes, experienciando os modos de estar e viver em comunidade.

Os primeiros Centros de convivência (CECO) ou Centros de convivência e cooperativas (CECCOS) foram criados em 1989 em São Paulo em consonância com a Reforma Sanitária e Psiquiátrica do Brasil, sendo configurados como um serviço substitutivo às internações psiquiátricas (GALETTI, (2007). Sendo assim, é um serviço de portas abertas, com objetivo de atender usuários de saúde mental e a população em geral.

Os Cecos se constituem como um serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), sendo um dispositivo que proporciona o cuidado através da oferta de oficinas e grupos, criando uma interface entre saúde, arte e cultura. Segundo Aleixo e Cambuy (2021) a estratégia dos centros de convivência é a produção/expressão de vida de modo a proporcionar ao sujeito novas maneiras de existência.

Deste modo os Centros de Convivência surgem como dispositivos de cuidado articulados à rede de atenção psicossocial propondo estratégias bastante diferentes e inovadoras. A grande aposta era produzir encontros potencializadores de vida, tendo como mediador as diversas expressões da arte, da cultura, do esporte, do trabalho, das práticas corporais, ou outras atividades que pudessem colocar os sujeitos em contato com outros modos de existência (ALEIXO; CAMBUY, 2021, p.72).

De acordo com Aleixo e Lima (2017) os Cecos rompem com a lógica dos equipamentos de saúde, não seguindo a estratégia do cuidado através da remissão de sintomas. Os usuários são inseridos de várias formas, através de contato de amigos, pela comunidade, pelo interesse de aprender ou experimentar alguma atividade. Há também os encaminhamentos dos Centros de saúde, CAPS, residências terapêuticas, escolas, ONGs, entre outros. Aleixo e Cambuy (2021) pontuam que o único critério para participar de um Ceco é o desejo de estar ali, e através dos encontros desenvolver o acesso aos direitos, à cidadania, ao lazer, às novas maneiras de participação social.

Em Campinas os Cecos surgiram em 1997 constituindo um espaço do cuidado em liberdade, em consonância com a reforma psiquiátrica brasileira, assim, sendo possível

discutir e criar autonomia e acesso aos direitos. Os centros de convivência do município de Campinas são regulamentados através do processo de parceria da Secretaria Municipal de saúde Campinas e o convênio com o Serviço de Saúde Doutor Cândido Ferreira, sendo cinco centros de convivência conveniados pelo SSSCF (Serviço de Saúde Doutor Cândido Ferreira), dois localizados na região sul, um na região norte e dois no leste. Os outros dois são gerenciados pela Secretaria Municipal de Saúde de Campinas, um no sudoeste e um na noroeste (ALEIXO; CAMBUY, 2021).

Os grupos e oficinas oferecidos em um Ceco pressupõe a articulação entre arte, cultura, esporte, lazer e saúde, cada equipamento oferece uma gama de atividades de acordo com a formação de cada profissional, sendo possível que os diferentes saberes se articulem entre si. Ferigato (2013) pontua sobre o potencial dos Cecos na produção de ações transdisciplinares neste campo, pela multidisciplinaridade presentes no campo e pelos usuários de diferentes serviços, criando-se uma rede relacional entre as pessoas.

Os saberes advindos de diferentes núcleos profissionais e de diferentes pontos da rede de serviços têm sua atualização compartilhada e dão luz à potência do CECO como um dispositivo produtor e operador de redes. Referimo-nos às redes como redes de vida, (FERIGATO, 2013, p.227).

A terapia ocupacional se insere na equipe de profissionais do Ceco. A equipe mínima desse dispositivo prevista, é de dois profissionais de nível superior. A partir das atividades oferecidas em grupos e oficinas, é possível realizar a convivência, objetivo central dos Cecos.

Segundo Benetton (2008), a atividade se configura como um instrumento da terapia ocupacional, sendo que no Método Terapia Ocupacional Dinâmica as atividades se configuram como um elemento da relação triádica - terapeuta, pessoa e atividade.

Na terapia ocupacional o conceito de atividades é utilizado frequentemente, com diferentes significados, sendo utilizada com diferentes objetivos. Segundo Benetton e Marcolino (2013) às atividades possuem três funções no paradigma do MTOD: terapêutico, educativo e social, sendo o caráter social determinado no próprio objetivo final da terapia ocupacional: a inserção social.

Segundo Moraes (2008) a atividade como instrumento adquire diversos objetivos:

a observação, a informação, a análise, a educação, o tratamento, a composição de histórias e a inclusão social. Para isso, as atividades são vindas e significadas na e pela relação triádica. E a relação, por sua vez, é sustentada no e pelo fazer atividades (MORAES, 2008, p. 31).

As especificidades da terapia ocupacional são inseridas na prática dos Centros de Convivência, que utilizam de diversas atividades, arte e cultura com objetivo de produzir a sociabilidade. Os participantes desse equipamento se inserem a partir dos interesses e do querer, desta forma, para cada convivente o Ceco terá um objetivo individual sendo considerado um espaço de lazer, de aprendizado ou somente para conviver com o outro.

A escolha do tema deste trabalho de conclusão da residência permeia a relação da residente recém-formada em terapia ocupacional, pela busca de se aproximar do núcleo da profissão, a partir das técnicas utilizadas na terapia ocupacional. Assim, essa experiência buscou relatar sobre o papel da análise de atividade e as especificidades da Terapia Ocupacional em centros de convivência

2. Objetivo Geral

Descrever sobre a análise de atividade e as especificidades da Terapia Ocupacional em um centro de convivência, sob a perspectiva de uma terapeuta ocupacional residente em saúde mental

3. Metodologia

Este é um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência, com objetivo de abordar sobre a vivência de uma terapeuta ocupacional residente em um centro de convivência.

A análise foi feita através de anotações no diário de campo da residente que aborda sobre os grupos que realizam atividades artísticas, sendo assim será descrito sobre os grupos de artesanato, bordado, crochê e macramê. Também foi realizado um breve levantamento bibliográfico em bases de dados, para dialogar com as observações da prática em campo e os referenciais teóricos publicados.

O levantamento dos dados ocorreu por meio de uma pesquisa em bases de dados, utilizando as plataformas digitais: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). No processo de busca das publicações foram utilizados de formas combinadas, os descritores “Terapia Ocupacional” AND “Centro de convivência”. Os resultados demonstram uma escassez de publicações com este tema nos últimos 5 anos, na plataforma Scielo nenhum documento foi encontrado, enquanto na BVS obteve-se resultado de dois artigos, sendo que somente 1 atendia aos critérios de inclusão desta pesquisa.

Desta forma foi utilizado outros descritores para complementar a pesquisa, sendo utilizado “centros de convivência” e “saúde mental”, obtendo resultado somente na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os critérios de inclusão para seleção das publicações foram: publicações em língua portuguesa, de acesso livre e as publicadas nos últimos 5 anos (2017 a 2022), sendo excluído artigos repetidos ou que não abordassem o tema proposto. O resultado da pesquisa foi exemplificado na tabela 1.

Tabela 1 - Síntese das publicações identificadas nas bases de dados consultada

Base de Dados	Descritores	Publicações encontradas	Publicações inseridas
Scielo	“Terapia Ocupacional” and “Centro de convivência”	0	0
BVS	“Terapia Ocupacional” and “Centro de convivência”	2	1
Scielo	“Centros de convivência” and “Saúde mental”	14	0
BVS	“Centros de convivência” and “Saúde mental”	41	2

A seguir constam os títulos dos artigos inseridos durante a pesquisa.

tabela 02: Publicações que integram a pesquisa

Base de dados	Título	Autor (a)
BVS	1. Invenção e produção de encontros no território da diversidade: cartografia de um Centro de Convivência	Juliana Maria Padovan Aleixo, Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima
BVS	2. Saúde mental, arte e desinstitucionalização: um relato estético-poético-teatral de uma ocupação da cidade	Júlia Monteiro Schenkel; et. al.
BVS	3. (Con) viver com a loucura: por um cuidado extramuros	Raquel Ferreira Pacheco; Celso Renato Silva

Um dos artigos encontrados intitulado de “Invenção e produção de encontros no território da diversidade: cartografia de um Centro de Convivência” aborda a prática profissional de Terapia Ocupacional nos centros de convivência e a relação com a atividade. O segundo artigo de Schenkel et. al. (2022) trouxe a proposta de discutir uma oficina em específico e a relação dos usuários na participação e criação do projeto, sendo discutido sobre as potencialidades destes encontros. Por último, o artigo “(Con) viver com a loucura: por um cuidado extramuros” relata sobre a temática da resistência e a luta constante por uma sociedade sem manicômios, tema que retoma sobre o processo de construção da reforma psiquiátrica, a discussão permeia sobre as potencialidades dos centros de convivência nesse processo de inclusão social.

A partir da escassez de pesquisas que abordem o Ceco como objeto de estudos, esta pesquisa se torna pertinente. Os capítulos a seguir são relatos dos grupos de mosaico e bordado, com objetivo de analisar as atividades realizadas a partir de referenciais teóricos da terapia ocupacional, bem como as potências deste dispositivo de saúde.

4. Discussão

Encontros, arte e cultura- Os grupos no cuidado em saúde mental

O Ceco Espaço das Vilas, localizado no distrito leste de Campinas-SP, teve início em 2006, nascendo da discussão da Intersetorial do bairro Costa e Silva. O espaço físico tinha sido ocupado pelo tráfico para uso e venda de substâncias psicoativas, sendo um território vulnerável. Atualmente no território há predominância de idosos e crianças, porém, apresenta-se ausência de circulação de crianças no Ceco, sendo um dos impactos da COVID, muitos dos usuários não retornaram às atividades. Os dados referentes a 2022 demonstram aumento de usuários que fazem algum tipo de tratamento em saúde mental.

Atualmente a equipe é composta por uma psicóloga, que é gestora do equipamento, um educador físico, uma monitora de oficinas, uma terapeuta ocupacional, um jovem aprendiz e uma auxiliar de limpeza. As oficinas e grupos realizados são abertos para a comunidade, em alguns casos são realizados encaminhamentos do Caps III, Caps AD, centro de saúde, escolas, moradias inclusivas, ONGs, entre outros. Há três grupos em parceria com o Centro de Saúde Costa e Silva, um grupo em parceria com os Caps Esperança, Caps reviver e Caps carretel, Consultório na rua e Pestalozzi, e outro grupo

que é realizado, em um campo fixo do consultório na rua, juntamente com o Ceco portal das artes.

Meu início no Ceco foi em março de 2022, e escolho por estar em um centro de convivência, através do interesse de estar mais próxima de práticas profissionais que envolvessem a atividade no processo terapêutico. Segundo Benetton (2008) a terapia ocupacional usa a atividade como elemento centralizador do processo terapêutico.

Lima (2019) discute sobre as atividades da terapia ocupacional no campo da produção cultural.

A partir dessa proposição, foi possível pensar que quando os terapeutas ocupacionais buscam intervir nos processos de saúde e de subjetivação através da realização de atividades, atuam no interior de um campo cultural que produziu uma forma de fazer, um saber-fazer, uma tecnologia; estão, portanto, inseridos em um território coletivo (LIMA, 2019, p.99).

Os centros de convivência se orientam através da Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, sendo descrito no artigo 6º pontos de atenção da RAPS.

III - Centro de Convivência: é unidade pública, articulada às Redes de Atenção à Saúde, em especial à Rede de Atenção Psicossocial, onde são oferecidos à população em geral espaços de sociabilidade, produção e intervenção na cultura e na cidade. (BRASIL, 2011, s/p).

Para discutir sobre o centro de convivência e a atuação da terapia ocupacional neste equipamento trago o relato de dois grupos, sendo abordados sobre as propostas de experimentação e as potencialidades de ressignificações.

Ao longo dos anos de atuação do Ceco Espaço das Vilas os grupos e oficinas sofreram modificações de acordo com o perfil da equipe. Ao começar meu relato de experiência sobre o início dos grupos, observei a dificuldade em descobrir qual ano foi inserido as atividades, pois, em diferentes momentos oficinas e grupos tiveram seus nomes modificados, desta forma essas atividades estiveram presentes em outros formatos. O grupo de bordado com este nome e formato teve início em 2017; o artesanato antes nomeado de ateliê livre foi modificado em 2021 e teve alterações em seu nome e formato em 2022, atualmente chamado de mosaico.

4.1. Um quebra-cabeça de mosaico

Um dos primeiros grupos que participei foi o grupo de artesanato, que tinha como proposta realizar atividades manuais relacionados a criação de artes e objetos. Na minha chegada, o grupo estava construindo mandalas com rolos de papel higiênico, que seria colado em um quadro. Com isto participo da atividade juntamente com as participantes, mas com a saída da terapeuta ocupacional, começo a coordenar o grupo com a monitora de oficinas e mantemos a proposta de finalizar o quadro.

Com a chegada da nova terapeuta ocupacional ao equipamento, o grupo passou por algumas alterações. Com a finalização do projeto da construção do quadro foi inserido a atividade de mosaico, que posteriormente se tornou o nome do grupo. A proposta da mudança foi discutida em reunião de equipe, sendo abordado sobre quais atividades eram pertinentes para aquele grupo. Com o conhecimento prévio da terapeuta ocupacional sobre o mosaico, está se mostrou uma proposta interessante. As participantes mostraram interesse em realizar a atividade, este já era um grupo que realizava diferentes atividades como se fossem ciclos, sendo alterado de tempo em tempo de acordo com o interesse dos usuários, após o aceite dos participantes deu se início ao mosaico.

O grupo apresentou comportamento acolhedor com a nova profissional e com a minha chegada. Os participantes relataram que o Ceco era um lugar de aprendizado, de novas técnicas, novos modos de fazer e novos saberes. Desta forma frequentemente alguns usuários me questionavam sobre os meus saberes e quais eu poderia ofertar a eles, assim, os frequentadores do Ceco demonstravam interesse em aprender técnicas e atividades novas.

Com a mudança da atividade, duas participantes deixaram de frequentar o grupo, porém, é um dos grupos com maior interesse de novos usuários que chegam ao serviço. Em média participam do grupo 7 a 8 participantes semanalmente. Para realizar a análise desta atividade irei descrever sobre três participantes e o processo da realização da atividade.

Os relatos a seguir são de anotações do período em que participava do grupo de mosaico, de março a agosto, em setembro comecei a participar de outra atividade externa, por isso o recorte das cenas descritas é durante este período. Todos os nomes citados neste trabalho são nomes fictícios, sendo representados por uma letra.

R., é um senhor que chegou ao Ceco através do seu vínculo empregatício com o NOT (Núcleos das oficinas de trabalho), sendo assim, inicialmente seu papel neste equipamento é de trabalho. Há alguns anos Roberto sofreu dois AVCs (acidente vascular cerebral) culminando em sequelas neurológicas, apresenta hemiplegia, fala lentificada e alteração na sensibilidade das mãos, antes disto, já apresentava redução da capacidade visual em ambos os olhos.

Conheci R. no primeiro dia que participei do grupo, ele permaneceu durante o encontro de forma isolada, sentado em uma cadeira distante dos demais participantes, apresentava discurso de menos valia e desejo de morte, dizia “a vida é muito difícil, quero morrer” (SIC). Este comportamento se apresentava nos outros grupos em que participava, ia ao Ceco todos os dias, justificando que era difícil ficar em casa, por dificuldade de se relacionar com sua cunhada. Roberto apresentava interesse em nos ajudar a organizar o espaço após cada grupo, e relatava o desejo de voltar a trabalhar. A cada encontro começava a se relacionar cada vez mais com as participantes, ainda sem interesse de realizar nenhuma atividade, em um encontro a terapeuta ocupacional propõe que R. criasse uma peça no mosaico, sendo aceita por ele.

A partir da confecção de um porta retrato em mosaico, foi possível analisar as dificuldades de R. em realizar a atividade. Seus dedos não sentiam a peça e tão pouco a enxergavam, sendo necessário nosso auxílio em todas suas produções. Avaliamos que seria necessário peças em tamanhos maiores para que pudesse realizar com mais autonomia. Apesar das dificuldades, R. finalizou diversas peças em mosaico. Ao final de cada processo mostrava a todas as participantes seu trabalho finalizado e todas as vezes ia à procura da gestora e dos demais profissionais para mostrar o que havia feito. Neste momento seu discurso de menos valia não estava mais presente, e sua frase aos poucos foi mudando, “a vida é difícil, mas temos que continuar” (SIC), através das atividades que realizava no Ceco Roberto começou a dialogar com sua cunhada, dando de presente algumas produções dele a ela.

Durante nossos encontros R. contava sobre sua história. Ele já havia produzido diversos quadros, gostava de pintar, porém após o AVC não conseguiu retomar a pintura, sendo proposto que conhecesse o ateliê de artes plásticas, grupo que realizava pinturas, mas R. não se interessou, pois dizia que não iria conseguir. Avaliamos que aquele então não era mais uma atividade significativa no momento atual. R. estava a procura de

maneiras de se inserir em novos projetos, novos jeitos de estar nos espaços e na sociedade, a partir dos relatos em que trazia, a pintura havia ficado no passado enquanto suas mãos sentiam e pintavam nos mínimos detalhes os quadros, aquele não era mais o R. de agora.

Durante minha aproximação com R. no grupo, busquei entender sobre sua história. Nos primeiros encontros observei que dialogava prioritariamente com as profissionais do Ceco, os demais usuários tão pouco respondiam durante seus relatos de desejo de morte, desta forma, eu ficava mais próxima dele. Quando começou a fazer a atividade outros temas de conversa foram aparecendo, assim, quando as usuárias dialogavam sobre algum assunto fazíamos uma articulação para que R. pudesse participar da conversa, questionando-o sobre tal tema, às vezes apresentava não escutar os diálogos em sua volta. Esta mediação foi fazendo com que R. fosse inserido aos poucos no grupo, de forma a ser escutado pelas demais usuárias.

Segundo Benetton (1999) a população alvo da terapia ocupacional são sujeitos que se apresentam excluídos da sociedade, sendo colocados à margem. Suas narrativas são feitas por terceiros, não se apropriam de suas rotinas, apresentam afastamento de atividades sociais.

O sujeito alvo da terapia ocupacional está geralmente colocado à margem de um cotidiano pessoal e ou social. Quase sempre cumpre apenas rotinas de cuidados: - há sempre um diagnóstico que o diz ser ele diferente, louco ou deficiente; - há sempre alguém para falar por ele; - há sempre a dificuldade de organizar e fazer funcionar o seu cotidiano; - são conduzidos de um lado a outro sem saber o porquê; - o que dizem ou fazem pode não ter sentido para eles ou para os outros e - sua exclusão é pessoal, antes de ser social. (BENETTON,1999, s/p).

Isto se apresentava na história de vida de R., tão pouco falava de seus desejos e interesses, seus diálogos diziam sobre o que outras pessoas queriam que ele fizesse. Desde o início tomei nota sobre seus gostos, o que fazia, o que gostava e sobre seus interesses. A inserção de R. no grupo possibilitou que ele ocupasse um espaço de ser alguém além de suas dificuldades.

Desta forma, durante os encontros, R. foi sendo reconhecido pela comunidade, seu discurso de menos valia e seu papel ocupacional foram se modificando, sendo expressado novas maneiras de estar. O papel ocupacional de R. foi sendo abordado durante minha trajetória com ele, pois o Ceco era tido como um lugar significativo, mas também com relatos de sofrimento, pois não estava em seu papel inicialmente adquirido

ali. Os relatos de R. sobre não trabalhar ali era trazido com grande angústia. Sendo assim, foi-lhe oferecido um novo papel e novo lugar naquele espaço, de forma a ressignificar seus modos de estar.

Segundo Kielhofner et. al (2011) os papéis atribuem ao sujeito sua identidade, se reconhecendo a partir de seus papéis ocupacionais. A partir destes organiza suas rotinas e determinam os comportamentos esperados socialmente.

Os papéis conferem às pessoas uma identidade e uma sensação de dever que se atrelam à identidade. As pessoas se veem como estudantes, trabalhadores e pais e reconhecem que devem se comportar de determinadas maneiras para preencher estes papéis. Grande parte do que as pessoas fazem é realizado como cônjuge, pai, trabalhador, estudante, e assim por diante. As expectativas que os outros têm de um papel e a natureza do sistema social em que cada papel se localiza servem como guias para aprender como se comportar em muitos papéis. Dessa maneira, por meio da interação com os outros, as pessoas internalizam uma identidade, uma perspectiva e uma maneira de se comportar que pertence a cada papel internalizado. (KIELHOFNER, 2008, s/p).

De acordo com Farber (2012) o ser humano permanece em constante mudanças, sendo vivenciado períodos de passagens, algumas dessas são espontâneas e outras afetam diretamente o sujeito, sendo necessário uma reorganização de vida. Nesses momentos de passagem o sujeito pode experimentar um sentimento de morte simbólica, como um final de etapa e fase da vida, evidenciando a transitoriedade da vida. Segundo a autora o afastamento do trabalho também pode ser considerado uma morte simbólica, igualmente nos processos de adoecimento. Igualmente R., outra participante do mosaico teve rupturas em seu cotidiano e alterações em suas ocupações após período de adoecimento, por isso trago o relato sobre A.

A. é uma senhora que foi encaminhada do Centro de Saúde para participar do grupo terapêutico, que ocorre em parceria com o Ceco. Os encontros são realizados na sede do Espaço das Vilas. A. foi encaminhada para o grupo terapêutico após ter início de quadro depressivo, ficando um período mais isolada por causa de um problema de saúde, desta forma, teve rupturas em sua rotina não conseguindo realizar as atividades que eram importantes para ela.

No momento em que entrou no grupo de mosaico, A. estava reestruturando novamente sua rotina, se inserindo novamente na comunidade. A. começou a frequentar

grupo de mosaico após proposta de terapeutas do grupo terapêutico. Em seu primeiro encontro grupal demonstrou interesse na atividade e desejava realizar uma peça para decorar sua casa. Assim começou a produzir uma peça em madeira de MDF plana, escolheu o desenho e as cores que desejava, inicialmente demonstrou insegurança em começar por medo de errar, conversei com A. que ali era um lugar de aprendizagem e não teria problema em errar, podendo ir construindo sua peça aos poucos e se necessário nós podíamos a ajudar.

Durante os encontros ela conversava com todas as participantes e relatava sobre a dificuldade quando seu filho saiu de casa, com a presença de ciúmes e o medo de perdê-lo. Este assunto a fez se aproximar de outra participante, que estava passando por este momento de separação do filho. A. estava começando a retomar atividades que gostava, indo ao taquaral¹ para realizar o movimento vital expressivo e descobrindo o gosto por fazer mosaico.

Em um dos encontros conseguiu relatar sobre uma orientação que recebeu para fazer o mosaico e como isto a deixou desconfortável. Uma das profissionais orientou para que não cortasse as peças pequenas e está fala a angustiou, porém, não conseguiu falar naquele momento, somente após a finalização da peça que restituiu essa informação ao grupo. Durante a conversa analisava que aquele comportamento de não gostar de algo e não conseguir devolver isso para a pessoa, estava presente em toda sua vida, e conseguiu observar isto durante a atividade. Informou as participantes que não havia gostado daquela orientação pois aquela era uma peça dela, e queria escolher cada detalhe.

Após o início de sua participação no grupo de mosaico, A. compreendeu que não precisava participar do grupo terapêutico, pedindo permissão para se retirar daquele espaço de tratamento, pois gostaria de estar participando do movimento vital expressivo que ocorria no mesmo horário do grupo. Sendo assim, passa a frequentar somente o grupo de mosaico no Ceco e o movimento vital expressivo no taquaral, reconhecendo-os como lugares de cuidado.

Durante sua participação nos encontros, A. permanecia concentrada predominantemente na atividade, planejando cada detalhe que seria realizado, enquanto criava sua peça interagiu com as demais participantes. Ao finalizar sua primeira peça, A. relatou não ter gostado de uma cor que havia colocado e perguntou se poderíamos retirar.

¹ Taquaral- Bairro situado em Campinas-SP.

A partir de seu pedido conseguimos retirar algumas peças, mas o restante não seria possível. A. conversou que isso não seria problema, porém demonstrou incômodo por não ter ficado como desejava. No decorrer do grupo abordamos sobre aquele ser um lugar de experimentação e convivência, o medo de errar apareceu no discurso de outros participantes.

De acordo com Lima (1997) os participantes do grupo de TO podem ser afetados pelos confrontos com as diferenças, de diferentes formas, entende-se que a realização de um projeto inicial com um produto ideal pode ser entendida como um confronto, a partir do ideal e a criação com os materiais.

A experiência com os materiais, e a resistência que esses impõem à realização de um projeto inicialmente imaginado, também é uma experiência de confronto. Ao se pôr a fazer coisas no mundo real, o usuário sai da posição de criar um mundo a partir de seus pensamentos e se coloca diante da possibilidade e a dificuldade de criá-lo no concreto. Por outro lado, a transformação da matéria em produto desafia a resistência da coisa, sua falta de sentido; ao impor-lhe uma função e um sentido possibilita sua simbolização. (LIMA, 1997, p. 92).

No grupo de mosaico fazíamos orientações sobre a técnica, as etapas da atividade, com caráter educativo, para que os usuários tivessem um conhecimento prévio. Porém, em minha trajetória neste espaço deixava em aberto o caráter criativo do usuário, para que novos jeitos de criação fossem experimentados. Em alguns momentos de angústia apresentada por alguns usuários, pela dificuldade de decisão das cores, tamanho da peça, desenho etc.; em conjunto com eles buscamos entender quais eram as cores preferidas, quais eram seus interesses, em alguns momentos eram propostos arranjos para a continuação da atividade, porém a priori eram estimulados a tomar as decisões em seus projetos, mesmo com algumas sugestões das coordenadoras.

Por último trago o caso de R., uma senhora que frequentava o Ceco já algum tempo, inicialmente começou a frequentar somente a FUMEC (Fundação Municipal para Educação Comunitária), em seguida se inseriu em outros grupos, um deles foi o artesanato. Apresentou interesse em aprender mosaico, escolhendo um desenho de um beija-flor, com muitos detalhes em uma peça grande, sendo necessário somente auxílio para cortar peças, pois precisavam ser cortadas em tamanhos pequenos. Durante o processo de confecção da peça R. conversava frequentemente sobre seus filhos, sobre as dificuldades enfrentadas em casa com sua filha e o processo de cuidado do seu filho que

não morava mais com ele, porém era alguém que frequentemente necessitava de ajuda dela.

Aos poucos o beija-flor ganhou diversas cores, cada detalhe escolhido e pensando por R., ao falar de sua peça demonstrava grande afeto em sua fala, pois aquele beija-flor estava vinculado a chegada de seu primeiro neto, enquanto fazia seu mosaico frequentemente abordava sobre o anseio pela chegada do tão esperado neto. No meio do processo, R. adoece psiquicamente e com isto se ausenta do Ceco. Teve uma crise psicótica. Em outros momentos durante sua história com o Ceco já teve episódios em que não estava bem psiquicamente e nesses períodos escolhe não permanecer frequentando as atividades, até que esteja pronta a retornar.

R. fica longe da atividade durante dois meses, e então retorna, de forma diferente, suas falas antes com tanto afeto e cuidado com as outras participantes não estavam mais presentes. Ao fazer a atividade R. não demonstrava tanto carinho quanto antes, não planejava as cores que iria colocar, o fundo coberto por peças verdes de diferentes tons, ganharam peças em diferentes tamanho e cores, em seu último encontro demonstrava querer finalizar a sua peça rapidamente, e assim o faz, após finalizar seu mosaico deixa de frequentar o grupo. Durante a finalização de sua peça eu não estava presente, vejo somente a peça finalizada no ateliê. Ao retornar ao Ceco vejo R. em somente um encontro, ali era a penúltima vez que participava dos encontros de mosaico.

De acordo com Dalgalarrondo (2008) a perda de contato com a realidade é considerada como dimensão central da psicose, sendo que a principal forma de psicose é a esquizofrenia, com apresentação de sintomas negativos definido como perda de certas funções psíquicas, alguns destes sintomas se apresentaram no caso de R. como o distanciamento afetivo e retração social, outros sintomas positivos se manifestaram com ideias delirantes de caráter religioso e paranoide.

Lima (1997) refere que um dos objetivos mais importantes de grupos de atividades é as diferentes maneiras de expressões através das matérias presentes ali, possibilitando formas de comunicação entre o mundo interno e o mundo externo.

O grupo de atividade traz ainda outras variáveis. A mais importante é a introdução de diferentes matérias de expressão (corpo, tinta, barro, cores, som); através da manipulação dessas matérias, planos que estão

fora da linguagem, mas tão fortemente presentes na psicose, podem ganhar trânsito e criar mundos. (LIMA, 1997, p. 92).

Questiono-me sobre algumas questões de R., pois este retorno ao grupo não foi algo desejado por ela, e sim pela sua filha que insistiu que retornasse após ficar período isolada em casa. Neste sentido, a atividade realizada por ela ainda era considerada como algo significativo ou naquele momento ela tinha outros interesses e isto não foi abordado com ela? Segundo Ferrari (2015) o fazer de atividades pode ser tornar algo quase impossível para o sujeito devido a desorganização interna e por isso a importância da relação triádica em grupo de terapia ocupacional.

Apesar da dificuldade inerente à própria problemática psíquica de estar com o outro, interessar-se pelo outro, convidamos nossos pacientes para fazer alguma atividade, experiência muitas vezes quase que impossível para alguns devido à sua desorganização interna. Daí a importância da formação do terapeuta ocupacional que nessa função de coordenador de grupos deverá imprimir, sustentar e fomentar as várias relações triádicas que deverão ser estabelecidas nesse espaço grupal. Para isso, são necessários muito investimento do terapeuta, muita implicação, muito ativismo (FERRARI, 2015, p. 230).

R. era mais próxima de uma das profissionais, porém circulava no grupo, em certos momentos estava mais próxima da atividade, dos usuários e às vezes dos profissionais. Questiono-me se no processo algo não foi visto pelos profissionais ou se a finalização da peça foi uma forma de sua finalização no grupo de mosaico. Em agosto R. já estava frequentando a FUMEC, porém não retornou ao mosaico.

4.2. Linhas, afetos e o Bordado

Em minha chegada ao Ceco, recebo a notícia da saída da terapeuta ocupacional do serviço e o pedido de coordenar o grupo de bordado durante o período de contratação da nova profissional, porém, opta-se pela pausa dos encontros do grupo, já que eu não conhecia a técnica de bordado. Esta notícia não foi bem aceita pelas participantes, relataram que aquele era o espaço em que se encontravam para bordar e conversar, sendo considerado um espaço importante. Após um mês chega ao serviço a nova terapeuta ocupacional, com isso retomamos os encontros, com objetivo de realizar o grupo e aprender sobre a técnica do bordado juntamente com as participantes, desta forma,

seríamos as facilitadoras do grupo, e não as portadoras do conhecimento em relação a atividade realizada.

De acordo com Machado et. al. (2021) os centros de convivência possibilitam um espaço de deslocamento do saber-poder, desta forma, os saberes entre os profissionais e dos conviventes se articulam entre si, prevalecendo relações horizontais. Este deslocamento esteve presente ao decorrer dos encontros do grupo de bordado, duas das conviventes tinham conhecimento técnico sobre diferentes atividades artesanais, sendo assim, os encontros se tornaram em um momento de troca de saberes.

O grupo de atividade em terapia ocupacional de acordo com Lima (1997) possibilita que o participante ocupe papéis diferentes no processo grupal e rompe com a idealização do coordenador do grupo. Desta forma possibilita relações horizontais, com a participação ativa dos usuários na construção do grupo. Isto foi possível no grupo de bordado a partir da troca mútua de conhecimentos das participantes e das profissionais, favorecendo a construção dos encontros. Antes, com a proposta somente de aprender sobre o bordado, foi se atualizando com o interesse de conhecer sobre os saberes dos sujeitos que ali se encontravam, sendo possível que neste mesmo espaço fosse experimentado o tricô, o tear, o vagonite, entre outras.

A cada encontro os participantes demonstravam a relação de suas histórias de vida com o fazer da atividade. Segundo Moraes (2008) as análises das atividades devem ser compreendidas como algo individual para cada sujeito, pois, cada sujeito irá se relacionar com a atividade e com o terapeuta de acordo com sua história, esta proposição está relacionada ao Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD). Para isto, irei descrever sobre duas participantes durante o processo que se deu a partir do grupo de bordado.

Em março de 2022 participavam do grupo quatro usuárias. Em alguns encontros outros usuários participaram para aprender a bordar, porém não retornavam ao grupo. Observei uma dificuldade de inserir novos usuários neste grupo. Nos primeiros encontros que participei observei um vínculo afetivo entre as participantes ali presentes e novos usuários tinham dificuldades em entrar nesta relação. A partir de agosto duas novas integrantes começaram a participar dos encontros, sendo este um grupo que só participavam mulheres.

Este é um grupo aberto, mas em um dos encontros um jovem adulto permaneceu lá enquanto esperava outro grupo começar. Após o convite das participantes para que ele aprendesse a bordar, ele respondeu que aquela era uma atividade somente para mulheres. Esta diferença de gêneros se apresenta em outros grupos, atividades manuais e artísticas tem maior predominância do sexo feminino.

As diferenças de comportamentos para homens e mulheres aparecem durante os encontros, seja pelos relatos das mulheres ou por esses tipos de comentários. Segundo Marques (2014) o gênero é uma construção social, sendo denominados normas e expectativas segundo o gênero do indivíduo, por exemplo, alguns trabalhos são especulados que sejam somente para homens enquanto outros seriam realizados somente por mulheres.

De acordo com Maihofer (2016) o sujeito aprende desde cedo os comportamentos esperados para cada gênero e as situações sociais se organizam de modo a proporcionar o meio adequado para isso.

Os indivíduos aprendem desde muito novos a “interpretar” o próprio gênero da maneira mais persuasiva, e a “identificar” seu “pertencimento de gênero” distinguindo-o de outros o mais rápido possível e de forma mais segura possível. as situações sociais, por sua vez, são, ao mesmo tempo, organizadas de modo a proporcionarem aos indivíduos os meios necessários para isto. Elas, de fato, sugerem os modos de comportamento a cada gênero (MAIHOFER, 2016, p.880).

Assim, esses tipos de organizações pautadas pelo gênero aparecem no cotidiano do Ceco, seja por comentários explicitando o não fazer de uma atividade por conta do gênero, ou como será relatado neste relato de grupo, a desigualdade de gênero e a violência contra a mulher. A seguir serão descritos dois casos, ambas sofreram violências de seus maridos, a realização das atividades realizadas nos encontros acomete significados de liberdade e de poder exercer os seus desejos plenamente.

L. é uma senhora que participava do grupo há algum tempo, sendo a única atividade que participava no Ceco. Apresentava muitos conhecimentos sobre a técnica de bordado, crochê, tricô, tear, entre outros; durante alguns encontros não realizava a atividade, ajudava outras participantes e relatava acontecimentos do seu cotidiano, muitas vezes dizia que estava lá para passar seu conhecimento à outras pessoas, “eu vou morrer um dia e vou levar tudo isso que eu sei comigo” (SIC). L. já sofreu grandes perdas na sua

família, atualmente mora sozinha, antigamente trabalhava vendendo peças em crochê, tricô e com costura, hoje em dia já não produz tantas peças, porém refere que sempre quer aprender mais e quando tem algum tempo pegava as agulhas e começava crocheter.

Essas atividades transitam ao longo de toda sua história, começou aprendendo sobre essas técnicas na escola, quando ainda era em outro formato, mais rígido e com a presença de outras aulas, questiona sobre as diferenças de hoje em dia em relação à educação e o comportamento das crianças. Em um dos encontros, L. decidiu bordar um pano de prato, pois outra participante havia levado um desenho de uma mandala. Enquanto bordava nos ensinava técnicas de acabamento, após finalizar o bordado, escolheu fazer a ponta do pano com crochê, assim, outra participante ensinou a ela um jeito diferente de fazer a ponta do pano e L. aceitou prontamente. A partir dessas trocas de saberes, a cada encontro as demais participantes demonstravam seus diferentes conhecimentos, L. que antes se colocava somente a ensinar começou a querer aprender saberes advindo das demais conviventes.

Durante as conversas que abordavam as violências que as mulheres sofrem na sociedade, L. relatava que seu marido tinha problemas envolvidos com uso abusivo de álcool e jogo patológico, nos momentos que o marido apresentava embriaguez ficava com comportamento agressivo. Não abordava este assunto com frequência e sem muitos detalhes, mas demonstrava ter sido anos de um casamento com muitas dificuldades. Quando outra participante relatou sobre sua filha que estava vivendo em relacionamento abusivo, L. e as demais participantes discutiram formas de cuidados. Segundo Lima (1997) isso é outra característica no processo grupal, pois possibilita que o sujeito reconheça que outras pessoas passaram por situações similares, a partir disso em conjunto buscam soluções para essas questões.

Durante o fazer da atividade, L. contou que aprendeu desde muito nova que quando se erra em qualquer atividade, o certo é desfazer e refazer para que fique com um acabamento perfeito, repetia isso várias vezes, isto foi lhe ensinado na escola de forma bem rígida. Em alguns momentos isto apresentava ser o lema do grupo, quando alguns participantes erraram, elas desfaziam e retornavam a refazer, mesmo que o erro fosse visto somente por elas. Juntas fomos abordando sobre essas questões dos erros, para que não houvesse uma autocobrança durante a realização do grupo, quando experienciamos uma técnica nova, juntas íamos errando e aprendendo e que alguns erros não interferiram

no produto final. Uma das participantes que repassou um saber próprio para o grupo foi B.

B. chegou no grupo de bordado neste ano (2022), participava de outras atividades oferecidas pelo Ceco voltada a atividades físicas. Chegou com interesse de aprender a bordar. A partir do seu contato com L. começou a bordar um pano, porém não finaliza, pois começa a aprender com L. como tricotar dois pés de meias ao mesmo tempo.

Durante os encontros B. relatava que já sabia sobre crochê e tricô, enquanto seu marido assistia televisão ela permanecia crochecendo. Contou que parou por um tempo, após o falecimento do marido, passando por um momento difícil, e atualmente sentiu desejo de retornar a realizar essas atividades. Relatava o desejo de fazer coisas que antes não fazia, pois seu marido não gostava, contou que queria cortar o cabelo, mas seu marido não gostava e por isso não fazia, agora viu uma oportunidade de retomar esses desejos cortando o cabelo e aprendendo sobre novas técnicas, e ensinando modos de fazer a atividade.

Alves (2012) aborda sobre a questão “o que é ser mulher?”, discute sobre a questão biológica e a construção social. Socialmente a mulher não é vista como algo independente, sempre estando atrelado a uma figura masculina, estabelecendo condições de inferioridade do sexo feminino em relação ao sexo masculino.

O objetivo de se falar em dominação masculina dentro deste contexto vem de encontro com a necessidade de evidenciar que por um determinismo biológico ou por outros fatores sociais e culturais, a imagem de superioridade masculina está muito presente no imaginário coletivo e tanto homens e mulheres por mais que alguns segmentos lutem contra esta perspectiva, acabam reforçando os padrões existentes, colocando a mulher como um sexo secundário e desvalorizado em relação ao homem (ALVES, 2012, p.6).

Ainda sobre a dominação masculina, Alves (2012) relata sobre a tradição de naturalização da subordinação feminina quando a mulher vive na esfera doméstica, fazendo com que esses comportamentos sejam aceitos sem questionamentos.

A justificativa para esta distinção está no fato da mulher dar a vida, assim ela fica presa ao universo doméstico. Ao ter os filhos, o homem está livre para desenvolver qualquer tipo de atividade na esfera pública, se desvincular do compromisso de “criar” o filho dentro da esfera doméstica, pois este papel cabe à mãe. A divisão do trabalho social vai se distinguindo e ficando claro para ambos qual a sua função dentro da família. (ALVES, 2012, p.8).

Por conta desta subordinação feminina, a mulher sucumbe seus desejos, ficando restrita aos padrões a ser seguidos, pode se dizer sobre a evolução da mulher na sociedade ao se inserirem em lugares antes “proibidos” pelas questões de gêneros. Por isso, é importante discutir sobre os direitos e sobre a emancipação feminina, porém ainda deve ser trabalhado sobre a desigualdade de gênero e o aumento de casos de violência contra a mulher.

No caso de B., enquanto estava casada deixou seus desejos de lado para assumir os papéis esperados do que é ser mãe, esposa e mulher, como vimos as construções sociais criam os discursos de superioridade à figura masculina, fazendo com que casos como citados neste relato, sejam recorrentes. No caso de B., após o falecimento de seu marido, ela conseguiu retomar aos seus interesses, pautado somente nela para ela, no grupo ampliou repertórios de conhecimentos e ampliou seus laços afetivos.

O grupo de bordado se configurou como um grupo aberto, porém, por só ter a participação somente de mulheres, possibilitou que as usuárias conseguissem relatar sobre esses tipos de relações violentas, sendo estruturado um espaço seguro para serem construídas narrativas.

5. Considerações finais

A partir deste trabalho, foi possível ser discutido o modo de trabalho realizado nos Cecos e as potencialidades deste serviço na saúde mental dos conviventes que nele estão inseridos, sendo abordado com ênfase na prática profissional da terapia ocupacional. O Ceco tem por objetivo atender a população em geral e usuários de saúde mental, com a proposta de inclusão e socialização através das atividades ofertadas, sendo que ao decorrer dos encontros outras demandas são atendidas, a partir das histórias dos usuários.

A sociedade cada vez mais excludente evidencia os sujeitos que vivem à margem, as desigualdades sociais, as violências, relações hierárquicas etc. Um dos objetivos deste equipamento é proporcionar o encontro entre os diferentes, cada um com suas diferenças, mas em um lugar em comum, o Ceco surge em consonância com a reforma psiquiátrica e sanitária brasileira, com a proposta da criação de serviços substitutivos, que se proporciona o cuidado em liberdade, no território em que os sujeitos se encontram, através da interface saúde, arte e cultura.

Esses encontros possibilitaram aos sujeitos experienciar novos modos de existência, novos papéis, acessos a direitos, ressignificação de histórias, ampliação de repertórios, aquisição de novas habilidades e experiências, entre outras. Como discutido nos casos trazidos, cada sujeito apresenta uma vivência única com este equipamento, em um mesmo grupo o significado e o resultado deste encontro serão diferentes para cada um. Como abordado, a terapia ocupacional a partir das atividades e na relação triádica, possibilita a construção de narrativas singulares, as atividades constituem diversos objetivos durante o processo terapêutico, nos relatos trazidos abordamos sobre algumas delas. Para a construção deste trabalho foi utilizado predominante o referencial teórico do Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD).

Em suma, os encontros e experiências que os Cecos produzem, evidenciam a ruptura dos modos de pensar os cuidados em saúde, além da remissão de sintomas, este equipamento é pautado pelo desejo e interesses dos sujeitos. As histórias narradas neste trabalho, representam as potencialidades deste serviço, na promoção em saúde e produções de vida.

6. Referências

ALEIXO, J. M. P.; LIMA, E. M. F. de A. Invenção e produção de encontros no território da diversidade: cartografia de um Centro de Convivência. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 649–659, 2017. DOI: 10.4322/2526-8910.ctoARF0957. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1695>. Acesso em: 12 set 2022.

ALEIXO, Juliana Maria Padovan; CAMBUY, Karine. Experiência dos centros de convivência de Campinas. p.70-76. 2021. In: MELICIO, Thiago Benedito Livramento; ALVAREZ, Ariadna Patricia Estevez. **Centros de convivência: arte, cultura e trabalho potencializando a vida**. Conselho Regional de Psicologia 5ª região. Rio de Janeiro, 2021.

ALVES, Amália Cardoso. A construção social do papel da mulher. **Revista Jurídica online**, 2012, v. I, p. 1-13, 2012.

BENETTON, Maria Jô; MARCOLINO, Taís Quevedo. As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 645-653, 2013.

BENETTON, Maria Jô. **Trilhas associativas: Ampliando recursos na clínica da Terapia Ocupacional**. Centro de estudos de Terapia Ocupacional & Diagrama. Editora, 3ª edição, São Paulo, 1999.

BENETTON, Maria Jô..ATIVIDADES: tudo que você quis saber e ninguém respondeu. p.26-29, 2008. In: **Revista do Ceto**. Ano 11- Nº 11, novembro de 2008.

BRASIL. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em: 15 nov 2022.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2 ed. Associação Brasileira de Psiquiatria. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARBER, SONIA SIRTOLI. Envelhecimento e elaboração das perdas. In: SESC, L. **A terceira idade estudos sobre o envelhecimento**. 53. ed. São Paulo: SESC, 2012. v. 23, cap. 1, p. 7-17. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/6443_ENVELHECIMENTO+E+ELABORACAO+DAS+PERDAS. Acesso em: 12 Nov 2022.

FERIGATO, Sabrina Helena. **Cartografia dos centros de convivência de Campinas: produzindo redes de encontros**. Tese de Doutorado. Campinas-Sp. 2013.

FERRARI, Sonia Maria Leonardi. Grupos de terapia ocupacional em saúde mental: novas reflexões.p.226-237. In: MAXIMINO, Viviane; LIBERMAN, Flávia. **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015.

GALETTI, Maria Cecília. **Itinerários de um serviço de saúde mental na cidade de São Paulo: trajetórias de uma saúde poética**. Orientador: Professor Doutor Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. 2007, p.154. Doutorado em Psicologia clínica- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).2007.

KIELHOFNER, G; et. al. O Modelo de Ocupação Humana. In:CREPEAU, E.B; COHN, E.S; SCHELL, B.A.B. (Org.) **Willard & Spakman – Terapia Ocupacional** (11 ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

Lima, E. M. F. A. **Clínica e criação: um estudo sobre o lugar das atividades nas práticas em saúde mental**. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 1997. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/beth/clinica.pdf>. Acesso em: 14 Nov 2022.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em Terapia Ocupacional. p.97-127. 2019. In: SILVA, Carla Regina. **Atividades humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências**- 1.ed.- São Paulo: Hucitec; São Carlos, 2019.

MACHADO, Keronlay da Silva. Oficinas remotas, assistência e formação em saúde mental na COVID-19. p.372-397. 2021. In: MELICIO, Thiago Benedito Livramento; ALVAREZ, Ariadna Patricia Estevez. **Centros de convivência: arte, cultura e trabalho potencializando a vida**. Conselho Regional de Psicologia 5ª região. Rio de Janeiro,2021.

MAIHOFER, Andrea. Versão original: Geschlecht als soziale Konstruktion–eine Zwischenbetrachtung. In: Helduser, Urte; Marx, Daniela; Paulitz Tanja; Pühl, Katharina (Orgs.).Under construction? Konstruktivistische Perspektiven in feministischer Theorie und Forschungspraxis, 2004, Frankfurt: Campus Verlag (pp. 33-43). Traduzido por: Kristina Hinz. Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 874-888.

MARQUES, Teresa. É o gênero uma construção social? In: MESQUITA, A.P; BECKERT, C.; PEREZ, J.L; XAVIER, M.L.O. **A paixão da razão**. Editora: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. p. 561-578. 2014.

MORAES, Gabriela Cruz. Atividades: uma compreensão dentro da relação triádica. p.30-35, 2008. In: **Revista do Ceto**. Ano 11- Nº 11, novembro de 2008.

PACHECO, Raquel Ferreira; SILVA, Celso Renato. (Con) viver com a loucura: por um cuidado extramuros. **Rev. Polis Psique** vol.8 no.2 Porto Alegre maio/ago. 2018.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2018000200008. Acesso em: 12 set 2022.

SCHENKEL, Julia Monteiro; et. al. Saúde mental, arte e desinstitucionalização: um relato estético-poético-teatral de uma ocupação da cidade. **Ciênc. saúde coletiva** 27 (01), Jan 2022.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/scLZW3YJqNktJcBVNfdfSFh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 set 2022.